

Sveja P São Paulo

MAIO
1999
S 10
T 11
Q 12
Q 13
S 14
S 15
D 16

PARTE INTEGRANTE DE VEJA ANO 32 - Nº 19 - NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

O GATÃO DO MORUMBI

*De volta ao futebol,
o craque Raí firma-se
como o xodó da torcida*



FELIPE REIS

Um ídolo de carne, osso, cérebro e músculos

O craque Raí volta ao time do São Paulo depois de oito meses em recuperação. Aos 34 anos — que irá completar no próximo sábado, dia 15 —, dono do maior salário do futebol paulista (200 000 dólares por mês), fã de Chico Buarque e Marisa Monte, ele se afirma como celebridade e como símbolo sexual de todas as torcidas.

Pág. 14

Proximidade que incomoda

As desavenças entre moradores e comerciantes da Vila Nova Conceição — onde a chaminé do restaurante Napoleone causa desconforto aos vizinhos — mostram que a Lei de Zoneamento é desrespeitada e confusa e está sujeita a várias interpretações. Pág. 8



ROGERIO MONTENEGRO

Terraço Paulistano
O roqueiro Robério Santana faz show para promover o próprio casamento. Pág. 4

Violência
Aumenta o número de carros importados roubados por quadrilhas. Pág. 22

Gastronomia
Aulas e degustações agradam a paladares refinados na feira Boa Mesa. Pág. 25

Transporte
Falta de informações transforma as catracas eletrônicas em problema. Pág. 26

Família
Sylvia Vieira, mãe do ex-polegar Rafael, luta para livrar o filho das drogas. Pág. 29

As Boas Compras
É tênis ou é sapato? Os dois juntaram-se num tipo novo de calçado. Pág. 34

Roteiro da Semana
Em cinco apresentações, o balé Bolshoi dança três programas clássicos. Pág. 37

Walcyr Carrasco
O amor pela internet geralmente acontece por linhas tortas, mas às vezes pode até dar certo. Pág. 114

“Raí, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver!”

Sob os gritos de guerra da torcida, a estrela do São Paulo está finalmente de volta, após oito meses de recuperação, mostrando sua boa forma dentro e fora de campo

VALÉRIA FRANÇA E KIKO NOGUEIRA

Na noite de terça passada, o São Paulo Futebol Clube enfrentou a Matonense no Estádio do Morumbi. Era uma ocasião especial: o clube inaugurava seu novo sistema de iluminação. Aquela não foi uma noite memorável para o meia Raí. Poucado pelo treinador, ele acabou sendo substituído no início do segundo tempo. Quando saía de campo, um grupo de três torcedoras, nas cadeiras numeradas superiores, pôs-se a enrolar suas bandeiras e colocar os bonezinhos num saco. “Bom, agora que ele saiu, não tem mais graça”, disse uma delas. Não ficaram para ver o São Paulo virar o jogo e ganhar por 3 a 2. Mas, também, não estavam lá para isso. Após oito meses se recuperando de uma grave contusão no joelho esquerdo, o camisa 10 do Tricolor está de volta aos gramados, para alegria de todas as torcidas da cidade. Nesse período, ele poderia ter amargado um ostracismo bravo. Não foi o que aconteceu. Aos 34 anos,

que completa no sábado 15, dono do maior salário do futebol paulista — 200 000 dólares por mês —, Raí de Souza Vieira de Oliveira vem ganhando pontos em seu estatuto de superstar. Passou a circular na noite com desenvoltura. Jantou em restaurantes badalados. Virou notícia quando, há quatro meses, ganhou o título precoce de avô. Apareceu nas colunas sociais depois de ver Ana Paula Arosio na peça *Harmonia em Negro* e assistir ao show de Chico Buarque no Palace. Boatos sobre sua curta separação da mulher pipocaram.

Mais do que um craque muito bem pago, ele se firmou no papel de celebridade e símbolo sexual. “Raí, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver!”, grita a galera. No imaginário do futebol, onde Romário é compa-

rado a um pit bull e Edmundo é o “Animal”, ele costuma ser retratado como um cavalo. Aliás, em seus primeiros anos no São Paulo, era recebido com relinchos pelos colegas. A semelhança com os eqüinos, no bom sentido, pode estar no maxilar proeminente, na cabeça sempre erguida e na longa, elegante passada. Fora isso, o homem é uma coisa de louco: 1,89 metro e 91 quilos. É forte. Esculpido pelos exercícios, tem torso, abdome e coxas de causar inveja a qualquer modelo. Filho de pai cearense e mãe paraense, herdou traços marcantes. Os lábios são carnudos e as sobrancelhas, grossas. A pele morena e a barba cerrada conferem um toque meio rude ao seu perfil. Mas quando ele sorri... Bem, os olhos brilham sinceramente, as maçãs do rosto saltitam e duas covinhas pontuam as bochechas. A timidez lhe confere um certo ar desprotegido, o que provoca nas mulheres um sentimento, na melhor das hipóteses, próximo do maternal. “Tem cara de

bom pai, bom marido e bom ser humano”, diz a atriz Luana Piovani. “Ele é lindo, másculo, tem cara de homem mesmo!”, empolga-se a atriz Patrícia de Sabrit (*leia outros depoimentos nas páginas 16 e 17*).

“Nunca me achei bonito: tenho corpo atlético e meus traços combinam com o meu jeito”, afirma ele. “O conjunto deu certo.” Raí nasceu numa família de classe média, em Ribeirão Preto, no interior do Estado. Tem cinco irmãos. O mais famoso deles, e um de seus ídolos, é Sócrates, meio-de-campo do Corinthians, do Flamengo e da seleção brasileira durante a década de 80. “Ele é um dos grandes jogadores do país”, elogia o “Doutor”. “É mais atlético do que eu, por causa do físico privilegiado.” Pode-se dizer que os dois são



ALEXANDRE BATTIBUGLI



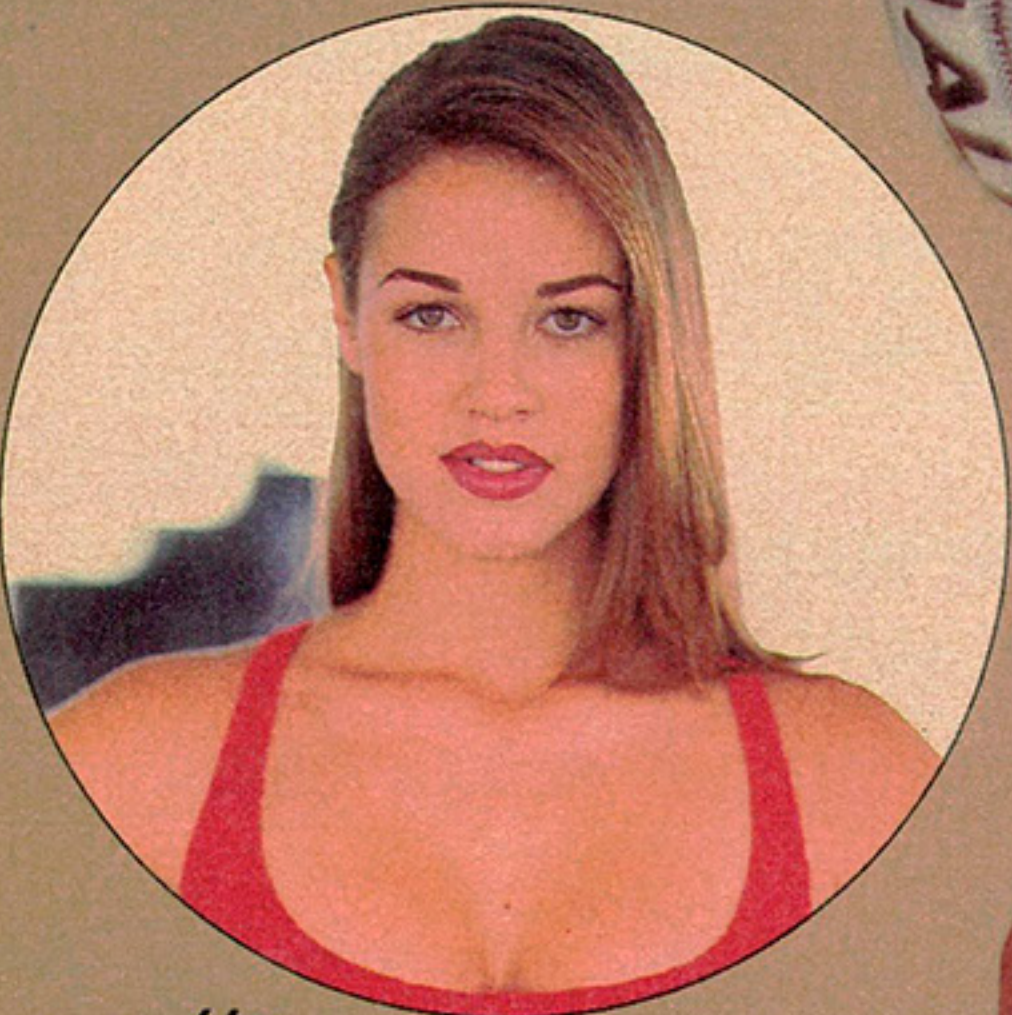
Feliz com o retorno aos gramados, o camisa 10 do Tricolor completa 34 anos no dia 15 com o maior salário do futebol paulista: 200 000 dólares. "Gostaria de ser mais estourado e engolir menos sapos"



RICARDO CORRÊA

“Ele é lindo, másculo, tem cara de homem mesmo! O que mais me impressiona é a boca.”

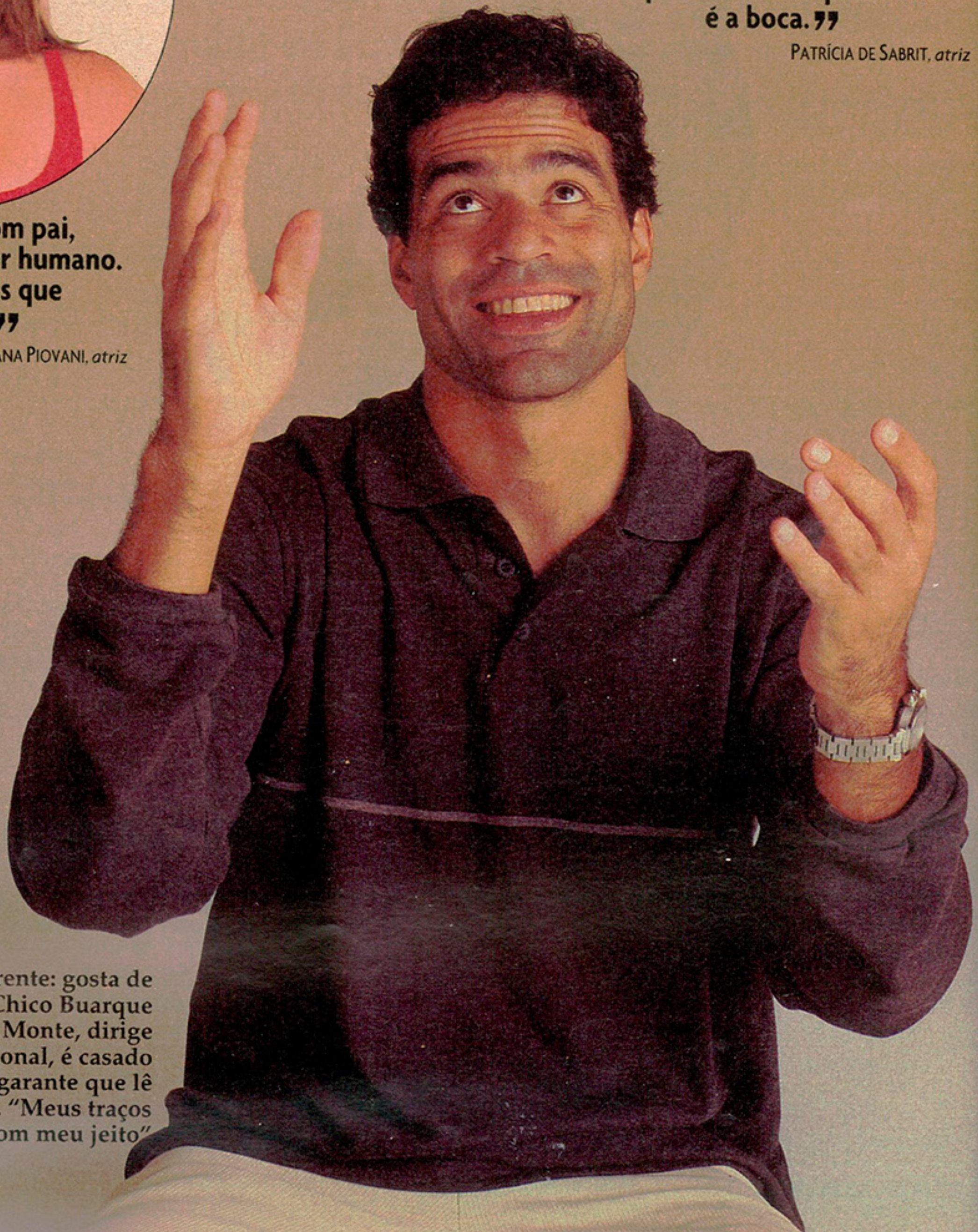
PATRÍCIA DE SABRIT, atriz



ANDRÉ SCHILIRO

“Tem cara de bom pai, bom marido e bom ser humano. Só penso nos gols que ele vai fazer.”

LUANA PIOVANI, atriz



RENATA URSUA

Um jogador diferente: gosta de Caetano, Chico Buarque e Marisa Monte, dirige um carro nacional, é casado há dezessete anos e garante que lê Molière no original. “Meus traços combinam com meu jeito”



MARCIO CAPOVILLA

“Eu o acho muito bonito – não por um detalhe em especial, mas pelo conjunto.”

ADRIANE GALISTEU, apresentadora



GLADSTONE CAMPOS

“É um ídolo que utiliza bem a sua imagem. Além de tudo, é muito simpático e supereducado.”

LU ALCKMIN, vice-primeira-dama do Estado

opostos. Raí é apolíneo, Sócrates é dionisíaco. Aplicado, Raí cumpre com galhardia toda a rotina de exercícios. Na última quarta, encarou um “trenzinho” com os companheiros, ao som de *Só Love, Só Love*, na piscina do Centro de Treinamento. Na vida pessoal, as trajetórias também são diferentes. Sócrates se casou duas vezes, namorou muito, teve quatro filhos, vocação de boêmio e uma passagem inglória pelo time italiano da Fiorentina. Raí está com a mesma mulher, Cristina, sua namorada de colégio, há dezessete anos. Eles se casaram quando ela engravidou, aos 16. Chegou a entrar na faculdade de educação física e publicidade, mas abandonou os estudos para se dedicar ao esporte. Na França, fez bonito em suas cinco temporadas defendendo o Paris Saint-Germain. Foi garoto-propaganda de uma rede de lojas masculinas, era convidado de mesas-redondas, dava autógrafos nas ruas.

“Raí chama o jogo para si, tem liderança e muita personalidade”, diz o técnico do São Paulo, Paulo César Carpegiani. “A presença dele em campo muda tudo.” Em todos os sentidos, não se trata de um jogador comum. Prefere a música de Caetano, Chico Buarque e Marisa Monte ao pagode, tão caro à maioria de seus colegas de profissão. Tampouco se casou com uma falsa loira. Cristina é uma mulher apaixonada, excelente cozinheira e, sim, bastan-



ALEXANDRE BATTIBUGLI

te ciumenta. O casal tem duas filhas, Emanuella (mãe da pequena Naira), de 15 anos, e Raíssa, de 10. Ele costuma ser visto empurrando o carrinho de sua netinha. Gosta de mostrar que é afeito à leitura. Sempre carrega um livro debaixo do braço, principalmente quando vai para a concentração. Garante que lê Molière no original. É muito desligado. Já entrou num coletivo apenas de meias, porque se esquecera de calçar as chuteiras. Chega aos treinos dirigindo um carro nacional, que destoa no estacionamento lotado de peruas Cherokee, Audi e Passat alemães. Ao lado do jogador Leonardo, do Milan, toca uma obra assistencial, a Fundação Gol de Letra, que pretende ajudar na formação de 200 crianças carentes.

Ele voltou ao gramado em boa forma. No jogo contra o Rio Branco, no último dia 2, sua segunda partida desde a recuperação, marcou dois gols e correu bem: cerca de 10 quilômetros, o que revela ótimo condicionamento físico. Entretanto, não é um bom velocista, como o lateral Serginho, por exemplo. Grandalhão, atinge piques máximos de 9 metros por segundo, marca que fica abaixo da média do time. Mas sua técnica compensa essas deficiências. “É um falso lento”, diz o preparador físico Carlinhos Neves. “Graças aos passes precisos e à boa colocação em campo, Raí acelera o jogo.” Como seu



FLAVIO CANALONGA

Com a neta Naira: passeios no carrinho de bebê



NELSON COELHO

Ao lado da mulher, Cristina, nos bons tempos de Paris: curso de civilização francesa e unhas dos pés perdidas por causa do frio

irmão mais velho, usa muito o calcanhar. "Ele gasta suas energias de maneira inteligente", observa Turíbio Leite, fisiologista do São Paulo.

Raí é, provavelmente, o craque que mais se identifica com o São Paulo nas últimas décadas. Revelado no Botafogo de Ribeirão Preto, foi contratado pelo Tricolor em 1987. Levou dois anos para explodir. Para engrenar, teve, primeiro, de se livrar do estigma de irmão do Sócrates. Deus sabe como é difícil libertar-se dessas coisas. "Quando cheguei ao time, ele era chamado de moleirão", recorda o técnico Telê Santana. Sob o comando de Telê, Raí ajudou a equipe a faturar, entre 1991 e 1993, o campeonato brasileiro, o bi paulista, o bi da Libertadores e o Mundial Interclubes, no Japão. No final de 1993, foi para a França. "Lá, ele se tornou uma espécie de embaixador do Brasil", exagera Fernando Casal de Rey, ex-presidente do São Paulo, responsável pelas negociações de sua volta ao clube.

Quando desembarcou em Paris, Raí falava um pouco de portunhol e um inglês sofrível. "Integrei-me à cultura do país estudando sua História, ouvindo sua música, freqüentando cinemas e teatros", conta ele, que se diplomou em um curso de civilização francesa ministrado na Sorbonne, no final da estada. A adaptação não foi moleza. Sensível às baixas temperaturas, no primeiro inverno a neve dos gramados fez com que ele perdesse as unhas dos pés. "Chegava em casa com os pés dormentes", lembra. "A circulação só voltava ao normal quando os colocava na água quente." Muitas vezes, precisou jogar sob efeito de anestésicos. Em 1994, foi convocado para a seleção brasileira,

que conquistou o tetracampeonato. (Eis outra diferença com o irmão: foi campeão mundial pelo Brasil e pelo São Paulo, enquanto Sócrates perdeu as duas Copas que disputou.) No ano seguinte, ganhou a Copa da França pelo Paris Saint-Germain (reconquistada em 1998) e, em 1996, a Recopa Européia. Ídolo da torcida, foi aplaudido de pé ao entrar com a família e uns amigos num bistrô às margens do Sena. No jogo de despedida, em 1998, os torcedores cantaram para ele *Aquarela do Brasil* e desfraldaram faixas de adeus. Sensível, Raí chorou de emoção.

"Lá, eu conheci o lado bom de ser famoso", diz ele, que passa maus momentos com o assédio. "Numa festa junina do São Paulo, fui obrigado a repreender uma senhora já bem entrada em anos", conta Casal de Rey. Acompanhada da família, ela aproveitou a confusão e passou a mão no bumbum do jogador. "Coisa bonita é para ser tocada", explicou. "Gostaria de ser mais estourado", admite Raí. "Assim, engoliria menos sapos." Dias atrás, ele foi a um campeonato infantil de futebol. Viu-se em apuros diante de mães descontroladas, que empurravam os filhos para cima dele e berravam histéricas. Escaldado, adotou uma tática para as situações mais periclitantes, que iria colocar em prática quando fosse comprar o presente de Dia das Mães para sua mulher neste fim de semana. Ao pisar no shopping, ele entra correndo numa loja, escolhe o que vai levar e sai no mesmo pique. Enquanto as pessoas estiverem na dúvida se aquele é mesmo o Raí, vupt!, ele já passou. "Prefiro ser um alvo móvel a um fixo", diz o gato do Morumbi.



ALEXANDRE BATTIBUGLI

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM

MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO

JOÃO FARAH

2026



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ